

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
LICENCIATURA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA**

HONORINA CONCEIÇÃO ROZENDO LOPES

Limites e afetividade na opinião de pais e professores

Três Cachoeiras

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
LICENCIATURA NA MODALIDADE À DISTÂNCIA**

HONORINA CONCEIÇÃO ROZENDO LOPES

Limites e afetividade na opinião de pais e professores

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

**Orientadora: Rosane Nevado
Aragon e Nádie Christina Machado
Spence**

Tutora: Analissa Peixoto

Três Cachoeiras

2011

HONORINA CONCEIÇÃO ROZENDO LOPES

Limites e afetividade na opinião de pais e professores

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Rosane Nevado Aragon
e Nádie Christina Machado Spence

Tutora: Analissa Peixoto

Aprovado em ___/___/_____.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso: O que os pais e os professores pensam sobre educar com limites e afetividade, elaborado por Honorina Conceição Rozendo Lopes, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Nome e Titulação

Nome e Titulação

Nome e Titulação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia

– Licenciatura na modalidade à distância/PEAD:

Prof^ª. Rosane Aragón de Nevado e Prof^ª. Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho aos meus familiares, para os quais quero ser um exemplo.

Dedico ao meu filho, Tauer Leônidas Rozendo Lopes que muito ouviu meus desabaços e choros me apoiando sempre. E ao meu esposo, Luís Viegas Lopes, pelo companheirismo e dedicação para que eu realizasse este sonho de me formar em Pedagogia, além de me apoiar sempre.

Agradeço a Deus por ser Ele no céu me orientando, me protegendo dando asas aos meus sonhos. E ter a Professora Nádie, aqui na terra, que faz a grande diferença na minha história, como pessoa e como aluna, me mostrando que posso ultrapassar os limites da excelência em conquistar o tão almejado sonho de ser Professora e com ela aprendi o real significado da palavra afetividade.

Agradeço à Coordenadora e supervisora do Curso Rosane Nevado Aragon, por achar que eu podia conquistar este título.

Agradeço à Orientadora do Estágio, a Supervisora Hilda Jaqueline.

Agradeço a Mariângela, por ter sido sempre o “Anjo” disponível para ajudar em todos os momentos necessários.

A todas elas, agradeço pelo grau de exigência, que foi meu norte.

Agradeço à Direção e a toda Equipe da Escola Estadual de Ensino Fundamental Emílio Tarragô

Assumpção, onde realizei meu Estágio e onde trabalho diariamente.

Agradeço a Marisete, por ter compartilhado comigo muitas angústias e dúvidas e o incentivo para eu continuar.

Agradeço à amiga Marina Raimundo da Silva, pela amizade, apoio e incentivo, e empréstimo da internet, sempre quando necessitei.

Agradeço a todos, que de uma forma ou de outra, contribuíram para a realização deste trabalho e para o meu engrandecimento intelectual e afetivo.

Bê-a-bá

Quando a gente cresce um pouco
É coisa de louco o que fazem com a gente:
Tem hora pra levantar, hora pra se deitar,
Pra visitar parente.
Quando se aprende a falar, se começa a estudar,
Isso não acaba nunca.
E só vai saber ler, só vai saber escrever
Quem aprender o bê-a-bá.
E além do abecedário, um grande dicionário
Vamos todos precisar:
Com A escrevo amor, com B bola de cor,
Com C eu tenho corpo, cara e coração.
Com D ao meu dispor escrevo dado e dor,
Com E eu sinto emoção!
Com F falo flor, com G eu grito gol
E com H de haver eu posso harmonizar.
Com I desejo ir, com J volto já, com L tenho luar.
Com M escrevo mão, mamãe, manjeriço,
Com N digo não e o verbo nascer.
Com O eu posso olhar, com P paparicar,
Com Q eu quero querer.
Com R faço rir, Com S sapoti,
Com T tamanduá, com U Urubupungá.
Com V juro que vi, com X faço xixi,
No fim o Z da zebra.

Toquinho

Composição : Toquinho / Elifas Andreatto

Resumo

As leituras sobre limites e afetividade nos levaram a realizar uma pesquisa focalizando o que os pais e os professores pensam sobre educar com limites e afetividade e qual seriam os papéis da família e da escola neste processo de construção de regras com crianças na educação infantil. Para fundamentar este estudo buscamos suporte teórico no desenvolvimento moral da criança, segundo Jean Piaget; na construção de limites, conforme definida por Yves de La Taille, juntamente com o que Valéria Amorim Arantes escreve sobre a dicotomia entre afetividade e cognibilidade. A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação de questionários para pais e professores, na comunidade escolar de Arroio Teixeira – Capão da Canoa. Através dos dados coletados foi possível identificar as proximidades e distanciamentos destes dois segmentos em relação ao problema.

Palavras-chave: Limites, afetividade, educação.

Sumário

<u>Introdução.....</u>	<u>12</u>
<u>O que os pais e os professores pensam sobre educar com limites e afetividade? O que pensam sobre o papel da família e da escola nesse processo de construção de regras com crianças na educação infantil?</u>	<u>12</u>
<u>Foi realizada uma pesquisa qualitativa analisando as respostas de pais e professores sobre os limites, a relação entre controle e afetividade e sobre o papel da família e da escola na construção das regras.....</u>	<u>12</u>
<u>O que é afetividade?.....</u>	<u>13</u>
<u>O que são limites? Por que eles são necessários?.....</u>	<u>14</u>
<u>Os limites segundo as fases do desenvolvimento.....</u>	<u>15</u>
<u>Limites: papel da família e da escola.....</u>	<u>18</u>
<u>Práticas educativas e estilos parentais.....</u>	<u>19</u>
<u>O papel da Escola na construção de limites.....</u>	<u>21</u>
<u>Metodologia.....</u>	<u>23</u>
<u>Foi realizada uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. Os dados foram coletados através de dois questionários aplicados a nove pais e aplicados a cinco professores, conforme modelos nos anexos 1 e 2.....</u>	<u>23</u>
<u>As questões buscavam conectar o conceito de limites, com os papéis que cada um desempenha e a importância da afetividade nesse processo..</u>	<u>23</u>
<u>.....</u>	<u>23</u>
<u>Análise dos dados.....</u>	<u>24</u>
<u>Análise das respostas dos pais.....</u>	<u>24</u>
<u>Conclusões.....</u>	<u>35</u>
<u>Referências.....</u>	<u>37</u>
<u>LA TAILLE, Yves de. Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras. NOVA ESCOLA, Edição 213, junho/julho 2008. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml Acessado em: 06/06/2011</u>	<u>38</u>
<u>Glossário.....</u>	<u>39</u>
<u>Apêndice A.....</u>	<u>40</u>
<u>Apêndice B.....</u>	<u>43</u>

Introdução

O foco deste estudo vai muito além das inquietações de uma professora que busca fazer a diferença para seus alunos, procura-se compreender o que os pais e outros professores que trabalham em educação infantil, pensam sobre os limites.

A motivação para fazer essa pesquisa surgiu a partir de observações na escola em que trabalho, onde me deparo com situações em que noto a dificuldade dos professores em manterem limites na sala de aula.

No cotidiano escolar observam-se os pais conversando entre si quando levam ou buscam seus filhos na escola, sendo esta também uma preocupação dos professores. O assunto na comunidade escolar sempre recai sobre a falta de limites. Todos demonstrando inquietações com relação a educação atual e talvez nenhum tenha a solução para este problema que afeta a sociedade como um todo.

Considerando esse contexto, optei por investigar:

O que os pais e os professores pensam sobre educar com limites e afetividade? O que pensam sobre o papel da família e da escola nesse processo de construção de regras com crianças na educação infantil?

Buscando compreender melhor essa problemática recorri a autores que explicam o desenvolvimento cognitivo e as relações com a afetividade, destacando as idéias de Jean Piaget, Yves de La Taille, Valéria Amorim Arantes e Regina Helena Lima Caldana.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa analisando as respostas de pais e professores sobre os limites, a relação entre controle e afetividade e sobre o papel da família e da escola na construção das regras.

Nas conclusões são apresentados os resultados desta investigação e possíveis contribuições para a qualidade da educação.

Fundamentação teórica

Para dar conta da complexidade e articulação entre os conceitos organizamos a fundamentação Teórica em três partes: 1) o que é afetividade; 2) o que são limites e por que são necessários; e, 3) qual o papel da escola e da família. Cada uma destas partes será discutida em detalhe na sequência.

O que é afetividade?

Para alguns autores a afetividade é uma energia que não podemos definir, é algo que não conseguimos palpar. O modo de demonstrar seria através de gestos, carinho ou somente diálogo

O dicionário define afetividade como:

Qualidade ou caráter de afetivo e conjunto de fenômenos psíquicos, que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza. (FERREIRA, 1975, 44)

Segundo Souza (2003, p.53), Piaget pouco escreveu sobre a afetividade, o que não significa que ele não tenha considerado essa dimensão como importante para o estudo da inteligência e do desenvolvimento psicológico.

Com o passar do tempo ele intensificou seus estudos sobre a afetividade e inteligência, vindo a considerar que cognoscibilidade e afetividade são indissolúveis, são palavras dicotômicas mesmo sendo diferentes. Apresentando como desenvolvimento psicológico como uno em suas dimensões. O autor defende o tema da correspondência entre as construções afetivas e cognitivas ao longo da vida do indivíduo e recorre às relações entre afetividade, inteligência e vida social para explicar a gênese da moral.

Piaget apresenta como pressupostos (*apud* Souza, 2003, p. 57) que:

- Inteligência e afetividade são diferentes em natureza, mas indissociáveis na conduta concreta da criança, o que significa

que não há conduta unicamente afetiva, bem como não existe conduta unicamente cognitiva;

- A afetividade interfere constantemente no funcionamento da inteligência, estimulando-o ou perturbando-o, acelerando-o ou retardando-o;
- A afetividade não modifica as estruturas da inteligência, sendo somente o elemento energético das condutas.

Souza (op. Cit.) ainda destaca que, para Piaget, “a afetividade não se restringe às emoções e aos sentimentos, mas engloba também as tendências e a vontade”. Esta perspectiva amplia a definição do dicionário e será por nós adotada neste trabalho.

O que são limites? Por que eles são necessários?

La Taille (2002, p.145) define limites em três dimensões:

1. como aquilo que não pode ser transposto, seja para atingir a maturidade, seja para caminhar em direção a excelência em alguns campos de atuação e conduta.
2. como aquilo que deve ser respeitado, não transposto, seja para viver bem, seja para deixar os outros viverem.
3. também pode remeter à fronteira da intimidade, ou seja, ao controle do acesso dos outros à nossa pessoa.

Os limites são necessários para a formação de cidadãos, autônomos e conscientes.

Na primeira dimensão definida sobre limites o autor diz o que nós nos colocamos, ou que outras pessoas nos impõem. Para que nunca atinjamos um

sonho desejado, sonho de conquistar algo, sonho de transpor algo desejado, e que achamos impossível de conquistar.

Na segunda dimensão ele pode estar dizendo que devemos respeitar, para sermos respeitados, não podemos transpor, ultrapassar, temos que nos limitar para não prejudicar a nós ou a outrem. Um dos sinais que a nossa sociedade nos mostra da falta de limites é o que está ocorrendo nas escolas, as brigas freqüentes entre colegas, onde um não respeita o outro, este indivíduo é o mesmo que falta com o respeito aos direitos do outro. Falta-lhes maturidade para discernir que sua liberdade vai até onde começa a liberdade de outra pessoa.

E a terceira dimensão ele define como não ultrapassar a intimidade alheia, como também não permitir ser tocado sem ter permitido. Um exemplo de invasão aos limites pode ser ilustrado no caso de pessoas do sexo oposto que quando conversam ficam tocando, sem saber se a pessoa gosta de ser tocada e assim podendo criar constrangimento.

Os limites segundo as fases do desenvolvimento

Piaget divide o desenvolvimento intelectual cognitivo em quatro estágios, nesse trabalho estudaremos, especialmente, o segundo, pois é nessa fase que a criança ingressa na Educação Infantil. As características específicas dessa fase serão trabalhadas, permitindo a convivência no ambiente escolar preparando essas crianças para o mundo, de forma a demonstrarem suas emoções, mas também a controlá-las. Da parte do educador é preciso entender as emoções das crianças, percebendo a afetividade presente em cada manifestação. Também o educador precisa perceber as oportunidades, as ocasiões, para inserir novas práticas de aprendizagem, inserir regras, de acordo com o ritmo apresentado pelas crianças, razão de ser da Educação Infantil e para as quais nos preparamos como pedagogos.

Piaget (1994) considera que os

jogos infantis constituem admiráveis instituições sociais. O jogo de bolinhas, entre os meninos, comporta, por exemplo, um sistema muito complexo de regras, isto é, todo um código e toda uma jurisprudência. O psicólogo obrigado por dever profissional a se familiarizar com esse direito consuetudinário e dele extrair a moral implícita, só pode avaliar a riqueza dessas regras à medida que procura dominar seus pormenores. (Jean Piaget, 1994, p. 23)

Para entendermos a respeito da moral da criança, e, evidente, pela análise de tais fatos convém começar. Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras. (Jean Piaget – 1994, p.23).

Conforme as regras dos adultos, as crianças são obrigadas a segui-las, independente da sua necessidade ou interesse. Então a dificuldade de se analisar o que provém do respeito das crianças, ou do que elas herdaram de seus pais ou das gerações anteriores.

No tocante aos jogos sociais, as regras são criadas pelas crianças, mesmo nos parecendo amorais.

As crianças pequenas obedecem às regras orientadas pelos adultos, inclinando-se em segui-las de boa vontade, pois é uma virtude humana ser digno. Concluindo então que existe respeito às regras.

As regras foram criadas pela sociedade, com o intuito de moralizar a conduta de cada cidadão e podem ser mudadas conforme a necessidade da sociedade. Fica entendido então que a mudança das regras tem legitimidade, e se a regra é usada pela sociedade em geral é porque têm valor essencial e eterno.

Jean Piaget separa em aprendizagem e desenvolvimento o processo cognitivo inteligente. A aprendizagem “refere-se à aquisição de uma resposta particular, aprendida em função da experiência, obtida de forma sistemática ou

não”. O desenvolvimento seria uma “aprendizagem de fato”, sendo este o responsável pela formação dos conhecimentos.

Piaget, na sua teoria sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, define 4 estágios (estádios ou fases) que são o Sensório-motor (0 – 2 anos), o Pré-operatório, ou Pré-operacional (2 – 6 ou 7 anos), o de Operações concretas (7 – 11 ou 12 anos) e o estágio das Operações formais (a partir dos 12 anos). Ainda para Piaget: “As estruturas operatórias da inteligência não são inatas” (PIAGET,...2010).

Desses quatro estágios, em que Piaget divide o desenvolvimento intelectual cognitivo, nos interessa para esse trabalho, especialmente, o segundo, pois é nessa fase que a criança ingressa na Educação Infantil, trazendo já as características do 1º estágio, o sensório-motor, vivenciada junto à família.

O principal progresso desse período, em relação ao 1º, em que a criança percebe o ambiente e age sobre ele, é o desenvolvimento da capacidade simbólica. No 2º estágio, pré-operatório, a criança começa a usar símbolos mentais - imagens ou palavras - que representam objetos que não estão presentes e desenvolve a linguagem, que passa a ter importante papel no seu desenvolvimento. Através da linguagem a criança passa a ter uma ferramenta para demonstração de suas emoções, de sua afetividade. Através da linguagem a criança pode manifestar agrado, desagrado, alegria, pode concordar, discordar, e, especialmente, argumentar e questionar.

A criança, nessa fase, segundo Piaget, apresenta características específicas: egocentrismo (incapacidade de se colocar no ponto de vista do outro); centralização (a criança não relaciona entre si os diferentes aspectos ou dimensões de uma situação); animismo (atribui vida aos objetos); realismo nominal (pensa que o nome faz parte do objeto).

Para Piaget, (*apud* TAILLE, 1992, p. 49) “a evolução da prática e da consciência da regra pode ser dividida em três etapas”: “anomia, heteronomia e autonomia”. Para este estudo interessa, em especial, a faixa etária das crianças da Educação Infantil, a primeira, a anomia, em que crianças de até cinco, seis anos de idade não seguem regras coletivas. Na heteronomia, crianças de nove, dez anos, têm interesse em participar de atividades coletivas

e regradas. A autonomia corresponde à concepção adulta do jogo, pela criança.

Limites: papel da família e da escola

A sociedade passou por muitas transformações no transcorrer da história e o papel da família e da escola se modificou.

Até a metade do século XX passado os limites eram impostos com castigos físicos tanto em casa quanto na escola, pois essa prática era aceita neste período. O pai era autoritário, tinha o domínio de toda a família onde a última palavra sempre era dele.

Segundo Figueira (1987), até por volta da década de 50 teria prevalecido em nossa sociedade o ideal de família tradicional, as regras de condutas eram rígidas definidas sempre pelo certo e errado.

Na segunda metade do século seguindo uma linha diferente, surgiu a família igualitária onde os sujeitos são respeitados pela sua individualidade, as crianças já podem expor suas opiniões sempre que solicitadas.

Com a transformação da família e, na virada do século, com a globalização, onde todos têm os mesmos direitos, os pais perderam um pouco da autoridade exercida. As crianças passaram a ser tratadas como iguais.

Tendo como preocupação central seu desenvolvimento e bem-estar emocional. Os pais participam com mais proximidade onde a demonstração de afeto se torna (mais usada- essencial- primordial).

Nesse padrão igualitário, existem dois aspectos que influenciam o ideário moderno de educação, existe uma forte tendência a idéias ligadas a psicologia, que coloca a infância como tempo determinante para o desenvolvimento emocional do indivíduo, colocando os pais e educadores responsáveis pela saúde emocional da criança. Surgem conflitos parentais diante de um padrão de condutas onde todos falam a mesma língua, desta forma fica evidente a dificuldade de colocar limites e exercer a autoridade equilibrando controle e afetividade

Práticas educativas e estilos parentais

Oliveira e Caldana (2009) apresentam quatro estilos parentais definidos a partir dos modelos propostos por Cecconello, De Antoni e Koller (2003) e Bem e Wagner (2006). Segundo as autoras estilo parental pode ser entendido como:

“o conjunto de condutas, traduzindo-se numa tendência global de comportamento e de formas dos pais e mães lidarem com as crianças em determinadas situações educativas. Baseados em duas dimensões, o controle e o afeto, os autores apresentam quatro estilos parentais: autoritário, democrático, indulgente e negligente (2009, p. 683).

Apresentamos na sequência o que caracteriza cada um deles:

Estilo autoritário:

- Castigos físicos
- Ameaças e proibições
- Comporta altos níveis de exigência
- Desconsiderando as necessidades e opiniões das crianças
- Obediência através do respeito à autoridade
- E não valorizar o diálogo

Estilo indulgente:

- Combinação entre baixo controle e alta responsividade
- Tolerância
- Aceitação dos impulsos da criança
- Não estabelece regras ou limites
- Permite que a criança monitore seu próprio comportamento
- Afetivos e comunicativos
- Satisfazendo qualquer solicitação da criança
- Não exige responsabilidade e maturidade

Estilo negligente:

- Apresentam baixo controle

- Baixa responsividade
- Não são afetivos ou exigentes
- Mantém distância nas relações com os filhos
- Atendem somente as necessidades básicas
- Estão sempre centrados em seu próprio interesse

Estilo democrático:

- Existe equilíbrio entre afeto e controle
- Existe reconhecimento e respeito pela individualidade da criança
- Valorizam e promovem as condutas positivas das crianças
- Inibem os maus comportamentos
- Normas e limites bem delimitados
- Aplicação de estratégias disciplinares indutivas
- Utilizam comunicação clara baseada no respeito mútuo

Hoffman (*apud* CECCONELLO et al. , 2003, pp. 46-47) define o poder:

“como o potencial que uma pessoa tem para compelir a outra agir de maneira contrária à sua própria vontade. A relação entre pais e filhos ilustra uma típica situação na qual existe uma concentração de poder na figura dos pais”.

Com base nestas premissas o autor define duas categorias de práticas ou estratégias educativas (*apud* OLIVEIRA e CALDANA, 2009, p. 682-683):

1. **Práticas educativas indutivas:** são aquelas que indicam à criança as consequências de seu comportamento sobre o ambiente, sobre outras pessoas, e sobre si mesma, fazendo a refletir sobre os aspectos lógicos da situação. Seria um meio de controle indireto, que coloca a criança como responsável pelas consequências de seus atos e incentiva a empatia com as outras pessoas. Favorecem a internalização de padrões morais, por propiciarem à criança a compreensão dos motivos que justificam a necessidade da mudança de comportamento, colocando-a como sujeito ativo em seu processo educativo.
2. **Práticas educativas coercitivas:** envolvem técnicas disciplinares que fazem uso da força e poder dos progenitores, incluindo aí as punições físicas, ameaças, privação de privilégios

e afetos. Provocam um controle do comportamento da criança baseado apenas em sanções externas, sendo uma forma de controle direto, que não leva a criança a compreender as implicações de suas ações e não desenvolve a motivação intrínseca para agir de outra forma, a não ser para evitar a punição.

O papel da Escola na construção de limites

La Taille (2008), em uma entrevista para a Revista Escola afirma que: “Nossos alunos precisam de princípios e não só de regras”.

Para o psicólogo, a escola deve investir em formação ética no convívio entre alunos, professores e funcionários para vencer a indisciplina.

A indisciplina para ser construída dentro da escola precisa investir em formação ética no convívio diário dentro da escola. Só assim o homem terá um comportamento moral onde poderá formar cidadãos disciplinados capacitados para usufruir mais dos seus direitos e cumprir com seus deveres.

O assunto sobre limites está sempre em pauta, pois a sociedade como um todo está preocupada. Todos fazem críticas a respeito da indisciplina dentro da escola e também fora dela. A queixa também é que as crianças de hoje tratam de igual para igual os adultos, demonstrando desta maneira total falta de respeito.

O autor ainda defende que a escola deve ajudar a formar pessoas capazes de resolver conflitos coletivamente, pautados pelo respeito a princípio discutido com a comunidade. O caminho para chegar lá passa pela formação ética não necessariamente como conteúdo didático, mas principalmente no convívio diário dentro da escola.

Segundo La Taille (2008) permanece um estado de medo. Hoje podemos sentir que as relações estão cada vez mais desrespeitosas. Ele avalia a importância de discutir os valores envolvidos nessa situação – como o

respeito ao outro, por exemplo. Pensa que deveria haver uma regulamentação social, e não uma regulação do estado para esses comportamentos

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa descritiva de caráter exploratório. Os dados foram coletados através de dois questionários aplicados a nove pais e aplicados a cinco professores, conforme modelos nos anexos 1 e 2.

As questões buscavam conectar o conceito de limites, com os papéis que cada um desempenha e a importância da afetividade nesse processo..

O questionário dos pais contemplou: a) as crenças acerca dos limites das crianças de um modo geral; b) como eles estavam educando os filhos; c) as reações das crianças diante das regras; d) quais as principais estratégias adotadas; e, e) qual seria o papel da escola na educação das crianças.

O questionário aplicado aos professores incluiu: a) situações problema para investigar a postura dos mesmos; b) relação entre afetividade e controle; e, c) crenças sobre o papel da escola e o papel dos pais na construção dos limites.

Os dados foram inicialmente organizados em tabelas e, como se tratava de um estudo exploratório que pretendia investigar as crenças dos dois grupos, aplicamos o método indutivo, que derivou as categorias de análise derivadas das práticas educativas (indutivas e coercitivas) e dos estilos parentais (autoritário, indulgente, negligente e democrático) conforme descritas na revisão de literatura.

Análise dos dados

Análise das respostas dos pais

Nesta sessão apresentamos a análise dos nove questionários aplicados a pais de crianças matriculadas na Educação infantil, na faixa etária de 4 a 6 anos e que, de acordo com o que já definimos anteriormente, encontram-se na anomia e ainda não seguem regras coletivas. Neste contexto os pais responderam perguntas sobre como lidar com limites e quais os papéis da família e da escola.

Entre os respondentes tivemos a participação de sete mães e dois pais e os codificamos utilizando as primeiras letras do alfabeto, como descrito abaixo:

MÃE – A, C, D, E, G, H, I

PAI – B, F

As famílias apresentam diferentes configurações:

Família A – tem uma filha, com 4 anos, esta mãe não trabalha fora.

Família B – tem quatro filhos, sendo dois legítimos, um com 37 anos e a outra com 23 anos, as duas mais novas de 12 anos e 4 anos, são netas, mas criadas como filhas. Quando os pais saem para trabalhar as meninas ficam com a tia.

Família C – é formada com dois filhos um com 8 anos e o outro com 6 anos, a mãe é dona da loja onde trabalha, então os leva junto no horário inverso da escola.

Família D – tem dois filhos, um de 4 anos e o outro com 1 ano, a mãe não trabalha fora.

Família E – esta família tem somente uma filha, ela tem 5 anos, sua mãe trabalha nos horários em que a menina está na escola e quando isso não é possível a sua irmã (tia) fica algumas horas com ela.

Família F – tem três filhos, um com 19 anos, 10 anos e 5 anos. A empregada fica com as crianças.

Família G – ela é formada por dois filhos, um tem 4 anos e o outro tem 1 ano, a mãe não trabalha fora.

Família H – têm dois filhos, um com 12 anos, e a outra com 5 anos. A mãe trabalha fora, eles estudam no mesmo horário (turno) e no outro ficam em casa sozinhos.

Família I – ela é formada por um filho. A mãe trabalha na mesma escola e no mesmo horário em que a criança estuda e fica com ela no outro turno.

A maioria dos pais respondeu que acreditam que as crianças, de um modo geral, estão indo para a escola sem limites e quase todos acham que estão educando adequadamente os filhos. O que inicialmente pode revelar certa contradição. Uma das mães (A), contudo, declarou que não estaria educando adequadamente. Todavia afirma que dá limites. Aqui fica uma dúvida que não chegou a ser capturada pelo questionário: o que esta mãe entende por educar adequadamente?

Ao serem questionados sobre a reação dos filhos quando tentam colocar limites os pais responderam que estes “não gostam” (A e B), “tentam não cumprir” (C), “tentam fazer que eu esqueça” (G) ou ainda “tenta debater, discutir” (E). Uma das mães (H) considera que “[...] ninguém gosta de ter horários a serem cumpridos ou regras que são cobradas por alguém. [E que os filhos] Quando podem, resistem a certas cobranças”. Outra mãe (I) afirma que o filho pode rejeitar inicialmente, mas “acata o limite estipulado nem que seja na ‘marra’, com castigo”.

Para Piaget a regra coletiva é

inicialmente algo exterior ao indivíduo e, por consequência, sagrada. Depois, pouco a pouco vai-se interiorizando e aparece, nessa mesma forma, como livre resultado do consentimento mútuo e da consciência autônoma. Ora, no tocante à prática, é natural que ao respeito místico pelas leis, correspondam um conhecimento e uma aplicação ainda rudimentar de seu conteúdo, enquanto, ao respeito racional e motivado, corresponde uma observância efetiva e pormenorizada de cada regra. (1994, p. 34)

Ainda segundo o autor

Quando o adulto se irrita, porque as leis que edita não são observadas, sua irritação é tida como “justa” devido ao respeito unilateral do qual os grandes são objeto e do caráter sagrado da lei editada. Quando a cólera adulta se expande em castigos, esta vingança vinda de cima surge como uma sanção legítima, e o sofrimento que dela resulta como uma “justa” expiação. (1994, p. 179)

Esta legitimidade quanto ao uso justificado de castigos como forma de garantir o cumprimento das regras aparece nas respostas de oito dos nove pais. Alguns destes também acreditam que bater pode ser uma forma de estabelecer limites. Apresentamos estas respostas e a análise segundo as práticas educativas e modelos parentais no quadro 1.

Quadro 1 – Castigos e/ou bater como forma de garantir o cumprimento da regra

Castigos e/ou bater como forma de garantir o cumprimento da regra, este quadro representa as idéias dos pais, quanto dar educação.

Respostas	Análise segundo as práticas educativas ou modelos parentais
a) Coloco de castigo ou privo de algo que goste	Castigo e privação não aparecem como sinônimos, mas seriam duas estratégias diferentes que garantem o respeito aos limites e ilustram práticas de educar coercitivas.
b) Bater não é a melhor solução para educar os filhos. A melhor forma para educar é conversar acompanhado de um castigo quando necessário.	O diálogo aparece como melhor estratégia, mas “acompanhado” do castigo. Apesar de tentar realizar práticas educativas indutivas, as práticas coercitivas aparecem associadas para garantir a manutenção da autoridade.
c) Claro que algumas vezes um tapa no bumbum resolve.	Esta resposta no 1º momento é indutiva, mas se isto não se resolver no 1º momento para garantir ela usa práticas coercitivas.
d) [Bater] Sim, quando você fala várias vezes e eles não obedecem.	Ela diz buscar uma prática indutiva, mas se essa prática não surte efeito ela passa à prática coercitiva. Podemos nos perguntar se o que a mãe chama de conversa é realmente um diálogo ou se a conversa se restringe a ordens verbais.
e) Não acho que para educar a criança precisa apanhar, normalmente a criança que ganha carinho, limites, que ganha castigos quando necessário, se torna uma criança educada.	Nesta fala a mãe está atribuindo o papel de trabalhar os limites para a família e que a escola não tem condições de ter um papel importante na educação dos filhos.

f) [Bater] Não, pois achamos que temos que procurar o diálogo.	Este pai parece ser indulgente quando fala das dificuldades que os pais tem para trabalhar os limites, mas ao mesmo tempo ele mostra uma concepção autoritária, quando fala em impor limites e não em construir limites.
g) [Bater] Sim, mas somente quando a criança já ultrapassou todos os limites impostos, pois eu prefiro castigo. Mas quando isso se torna inútil, uma palmada nas nádegas às vezes se faz necessário. Só que bater sempre e por qualquer motivo eu considero errado, pois a palmada deve ser dada somente como ultimo recurso. Quando a conversa e o castigo já não surtem efeito.	Escola e família dividem a responsabilidade de educar as crianças e ajudá-las a entender que há limites. Quando fala que a criança fala em limites há um indicativo de crença dos pais das práticas indutivas.
h) [Bater] acho que não resolve, mas se já houve um diálogo e a “coisa” não funcionou, umas palmadas, na hora certa, ajudam.	Entende que a escola deve atuar com práticas indutivas reforçadas pela família e que isso terá reflexo fora da escola.
i) [Bater] sim, em algumas situações mais extremas. Bater um “pouquinho” faz com que eles tenham mais receio de repetir a situação.	É uma prática coercitiva, porém usada em situações especiais. Esta resposta busca abrandar as práticas coercitivas elas seriam usada com menos frequência e com pouca intensidade.

Os pais usam castigos ou batem como forma de cumprimento da regra e muitos pensam que estão educando adequadamente.

Conforme exposto na revisão de literatura as práticas indutivas levam a criança a se responsabilizar pelos seus atos, fazendo com que internalizem os padrões morais e conseqüentemente com que ocorram mudanças de condutas. A criança exercendo um papel ativo no seu processo educativo.

No caso de aplicarem práticas coercitivas os pais detêm o poder sobre a criança, e assim impõem métodos disciplinares, podendo fazer uso de força, punições físicas, ameaças e privações de carinho ou de algo que a criança goste. Esta maneira de educar leva a criança a se comportar para evitar as sanções. As crianças, contudo, não compreendem as implicações de sua maneira de agir.

Nossos pais pesquisados são algumas vezes indutivos, mas na grande maioria são coercitivos.

Quadro 2 – Opinião dos pais sobre os papéis da família e da escola na construção dos limites

Papel da família e da escola	Análise
a) Algo muito positivo [escola]. Como são indivíduos estranhos ajuda na conduta e comportamento social.	Percebemos que, os pais são indulgentes, toleram e aceitam os impulsos da criança, elas mesmas com o controle de si, os pais são permissivos satisfazendo todas as solicitações das crianças. A mãe acha que com pessoas estranhas, na escola, fica mais fácil a construção dos limites.
b) A escola deve sim impor limites e ter regras de convivência para um bom desenvolvimento social e cultural.	A escola com seu papel de desenvolver socialmente seus alunos impõem limites e regras, ajudando na construção do cidadão. Ele diz que a escola deve usar o estilo coercitivo.
c) Acho que o papel da escola na construção dos limites está muito bem.	A escola ajuda na construção de limites, mas devemos observar que os pais têm deveres de educar a criança em casa. Os pais nos parecem, estarem conscientes dos limites que a escola procura construir, e esperam justamente isto.
d) [O papel da escola] É muito importante.	A mãe diz que a escola é importante. Porque numa resposta anterior ela usa o estilo indutivo, conversa, mas se não resolver ela passa a ser coercitiva, daí a importância do papel da escola, que lhe ajuda na formação de seu filho.
e) Acho que os limites tem que vir de casa. Uma professora não tem como dar total limite para 10, 20 ou 30 crianças. É claro que a escola também tem seu papel na educação de nossos filhos.	Mãe consciente de suas responsabilidades com seus filhos acha que para a escola fica muito difícil construir limites, mas que a escola tem seu papel na educação. Achando também que a criança tem que vir para a escola com limites.
f) Acho muito importante [escola], pois nós pais às vezes temos dificuldades em impor os limites.	A mãe usa o estilo indulgente, dizendo que o papel da escola é estabelecer limites, visto que ela diz ter às vezes dificuldades de impor limites. Quando a criança já deveria vir de casa, com as primeiras regras construídas.
g) A escola é um reforço para os pais, pois ajuda a criança a entender melhor que também há	Os pais são democráticos, eles são afetivos e controlam os comportamentos positivos das

limites para ela. Então nos consideramos importante.	crianças, impõe limites com estratégias disciplinares indutivos, com uma comunicação clara baseada no respeito mútuo. Deixam claro que a escola reforça a educação, achando que o papel de colocar limites é muito importante.
h) Acho que a escola deve ser um lugar onde o aluno possa ser “livre”, porém respeitando a liberdade do outro. E se ele perceber que existe um limite a ser respeitado, fará isso fora da escola também com a ajuda da família é claro.	A mãe usa o estilo democrático, dizendo que o aluno deve ser livre, mas respeitando para ser respeitado. Pois se ele construir esta consciência de respeito mútuo, ele fará em qualquer seguimento da sociedade.
l) Através do diálogo a família deve ensinar a criança desde pequena a entender as regras e os limites, pois estes serão usados, na escola para melhor aproveitamento na construção do conhecimento.	A mãe usa o estilo democrático ensinando seu filho em casa, através do diálogo, quanto a regras e limites, para que na escola ele tenha um comportamento adequado para um melhor desenvolvimento de sua aprendizagem.

Conforme o quadro 2 é possível constatar a importância que a família atribui à escola. Em alguns casos foram vagos ao expressar porque a consideram importante, mas em outros evidenciam a relação entre limites e a construção do conhecimento, ou como La Taille definiu na segunda dimensão dos limites que precisam ser respeitados. Porém cabe destacar o sentimento de impotência vivenciado ou pela mãe ou na projeção que faz na figura da professora diante de uma turma com 10 ou 20 crianças.

Os pais ficam preocupados com a violência existente na sociedade, e muitas vezes dentro das próprias escolas. Uma das mães destacou essa preocupação ao responder o questionário. A mãe fala sobre os colegas dos filhos que são violentos e cita um fato que ocorreu com seu filho mais velho na semana anterior ao preenchimento do questionário. O menino chegou em casa chorando, pois um colega de sala de aula o pegou pelo pescoço, que ficou inchado não permitindo que a criança que dormisse direito durante a noite. Esta mãe pedia mais atenção da escola para esses acontecimentos. Seu

temor é que isso pode acontecer com outras crianças e as consequências podem ser piores. Ela salienta que seu filho é muito carinhoso e não é violento.

Nosso objetivo com esta pesquisa também trás como finalidade esclarecer melhor os pais. Educando democraticamente usando o estilo indutivo, que busca através do diálogo o entendimento entre pais e filhos. Nesta história a escola tem o papel principal, é de sua inteira responsabilidade criar cidadãos competentes que saibam transferir conhecimentos sobre limites e regras aos pais de uma forma que se use as práticas democráticas dentro da escola, e passando para os pais este tipo de educação, para que nossas crianças futuros papais consigam educar adequadamente dentro de um padrão social, que visa o bem de todos.

Para finalizar, mas não encerrar, este estudo, destaco a frase de Nelson Mandela: "A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo".

Análise das respostas dos professores

Contamos com o auxílio de cinco professores, todos com nível superior, usamos letras para identificá-los, e eles não poderem ser identificados pelos colegas, assim não causando constrangimento.

A professora "A" trabalhou dois anos com a educação infantil, a professora "B", está trabalhando pela primeira vez com a educação infantil, a professora "C" trabalhou uns cinco anos, e a professora "D" trabalhou três anos e a professora "E" trabalha vinte anos com a educação infantil.

A análise das respostas dos professores fundamenta-se nas expectativas destes quanto aos estilos parentais que os pais devem utilizar ao educar os seus filhos assim como aquilo que seria esperado na escola. Consideramos que a postura dos professores pode se expressar basicamente através de dois dos estilos: autoritário e democrático. E dentro destes parâmetros analisamos suas respostas.

As respostas do Quadro 3 revelam a preocupação dos professores com a manutenção das regras e combinações. E a expectativa de que os pais tenham uma postura mais democrática se faz presente, todavia algumas

estratégias autoritárias são aceitas para garantir a manutenção da autoridade e o respeito às regras.

Quadro 3 – Como se deve impor limites?

Pergunta/Respostas	Análise
<p>A - Os pais não podem “fraquejar” diante de “chantagem” dos filhos. Devem sempre demonstrar firmeza no que falam.</p>	<p>A- A resposta da professora dá indícios de que esta espera que os pais tenham um estilo parental mais autoritário. A firmeza ao falar não indica necessariamente que expliquem as razões pelas quais a criança não pode fazer determinada coisa.</p>
<p>B - Demonstrar com atitudes que a criança não vai conseguir o que impõe e que o máximo que poderá acontecer é ela vir a se machucar e usar do diálogo, após a situação, para que a criança perceba que é necessário combinações para ter um ambiente escolar harmonioso.</p>	<p>B – A professora tenta explicar as conseqüências possíveis do ato e rever as combinações de forma a delimitar o que pode e o que não pode naquele contexto, remetendo a uma postura mais democrática.</p>
<p>C – Para realmente funcionar acredito que limites não devem ser impostos e sim construídos junto à criança. Desde pequenos elas tem capacidade para entender o que podem ou não, porque podem ou não. Mesmo assim elas muitas vezes nos testam fazendo cena de teimosia, neste momento é importante que o adulto se mostre muito firme, sem perder a ternura, segura-la firmemente olhando-a nos olhos e dizer que determinado comportamento não está correto e lembrá-la das combinações feitas anteriormente.</p>	<p>C - O destaque para a importância na construção dos limites é chave na resposta dessa professora, assim como a valorização da capacidade de entendimento das crianças. Todavia o ato de “segurá-la firmemente olhando-a nos olhos” remete a uma situação de desigualdade entre a professora e o aluno e, talvez, uma manifestação de poder vertical. A situação extrema, sugerida na pergunta, pode ter desencadeado esse tipo de resposta. A professora transita entre uma postura democrática com estratégias um tanto quanto autoritárias.</p>
<p>D - Conversar com clareza e sem se alterar, mas com firmeza e convicção.</p>	<p>D- A ênfase está na obediência, o que remete para uma postura mais autoritária, correspondendo a um alto nível de controle por parte do educador.</p>
<p>E - É importante explicar para a criança porque não pode algo, ou porque preciso fazer algo; conversar, mas de forma firme que naquele momento é hora daquela atividade: o diálogo é essencial. Mas se mesmo assim ele continuar no chão, ignoro e sigo a atividade com os outros alunos. Normalmente, nesta idade, aos poucos a criança participa da atividade com o resto do grupo, pois percebe ter sido ignorada. E que sua “cena” não funciona... Após a atividade volto a conversar com a criança perguntando se ele gostou e porque realmente não queria participar, pois neste momento está mais calmo. Explico novamente regras, combinações etc.</p>	<p>E – Esta professora destaca a importância de dizer o motivo pelo qual a criança pode ou não pode fazer alguma coisa. A comunicação das razões remete a um estilo mais democrático. No dizer “Mas se mesmo assim ele continuar no chão, ignoro e sigo a atividade com os outros alunos”, Neste momento ela está sendo indulgente.</p>

As respostas acima apresentadas revelam a preocupação dos professores com a manutenção das regras e combinações. A postura mais democrática se faz presente, todavia algumas estratégias autoritárias são utilizadas para garantir a manutenção da autoridade e o respeito às regras.

A síntese até este ponto revela que os professores divergem quanto à forma como os limites devem ser trabalhados. E mesmo quando valorizam uma postura mais democrática, ainda apresentam certos traços de uma cultura mais autoritária onde a relação vertical de poder seria um recurso para garantir o cumprimento das regras.

Quadro 4 – Qual a relação entre limites e afetividade?

Respostas	Análise
A – O afeto deve estar junto com a cobrança. O aluno deve saber sentir-se amado e que para tudo tem hora certa.	A – A professora acredita na busca do equilíbrio entre afeto e controle, o que caracteriza uma postura mais democrática.
B - Fazendo o uso do afeto como meio de comunicação na relação professor/aluno e pais para construção gradativa do processo ensino aprendizagem.	B- A professora destaca a importância do afeto na comunicação, mas não dá ênfase a forma como o controle se articula. Poderia ser um indício de uma postura mais indulgente, devido ao baixo controle.
C - O professor deve tornar o ambiente escolar o mais agradável possível, é uma forma de expressar sua afetividade e faz com que a criança se sinta acolhida. Dentro deste acolhimento e entrosamento professor/ aluno é possível se construir limites e favorece a aprendizagem da criança. o tom afetivo com que o professor se dirige ao aluno em sala de aula produz motivação para aprender.	C – A resposta dessa professora também remete mais para uma postura indulgente, onde a ênfase está no afeto/acolhimento e as expectativas de que estes sustentem a construção dos limites.
D – Evitar demonstrar irritação e se a criança continuar não aceitando limites, deixar claro as conseqüências.	Esta professora se preocupa bastante com o controle das suas emoções diante da situação e com a obediência às regras, o que revela uma postura mais autoritária e que não contribui com o desenvolvimento da autonomia.
E - Educar com limites, usando afeto é educar orientando. Corrigir o comportamento, dar exemplo. Mostrar autoridade, sem ser autoritário. Transmitir carinho e respeito e	Esta professora apresenta maior clareza na sua resposta, evidenciando a importância de “explicar o porquê” como meio de dar segurança para a criança. Este tipo de conduta contribui

explicar de sua atitude. O diálogo é a base do limite com afetividade. Dizer não e explicar o porquê, dando segurança.	para o desenvolvimento de sujeitos mais responsáveis e autônomos. Ela enfatiza o estilo democrático.
--	--

Nem todos os professores conseguem articular o afeto e o controle de forma a construir os limites. As professoras A e E foram as que apresentaram respostas onde afeto e controle aparecem em equilíbrio, como dois fatores importantes e indissociáveis na relação professor-aluno.

O quadro 5 apresenta as respostas dos professores sobre o papel da escola com crianças que chegam sem limites.

Quadro 5 – Como fazer quando as crianças chegam sem limites?

Respostas	Análise
A- Devemos ensinar o que é certo e o que é errado. Mas acredito que sem a ajuda da família, não obtemos o mesmo resultado.	A- A professora usa o estilo democrático. Por que quer a parceria da família, para se obter o objetivo desejado.
B – Até poderemos, mas encontraremos muitos obstáculos e às vezes sem sucesso. O necessário para se ter mais possibilidades é um apoio pedagógico para orientação familiar e educadora, porque a relação escola, família devem ser parceiros e não adversários.	B – A professora usa o estilo democrático. Pois dessa forma busca junto a escola o apoio pedagógico necessário para apoiar a família no sentido de serem parceiros na educação da criança.
C – Não haverá condições de se construir limites sem causar rebeldia nas crianças se não houver uma parceria entre a escola e família, as duas precisam estar em sintonia falando a mesma linguagem.	C- A professora usa o estilo democrático, pois procura parceria com a família desta forma é aplicado estratégias indutivas, utilizando-se de comunicação clara baseada no respeito mútuo.
D – Na verdade devemos impor limites se for o caso, fazer reuniões com os pais para conversar e aprofundar o assunto.	D- A professora usa um estilo mais autoritário, comportando altos níveis de exigência, mas ao mesmo tempo buscando no dialogo uma forma para fazer uma parceria com os pais.
E - Sim. A escola deveria complementar a educação da família, as muitas vezes é a primeira a dar qualquer orientação e regras para a criança, tornando mais difícil nosso papel, porém é necessária que inicie desde pequena a desenvolver bons	E – A professora usa o estilo democrático, ela pensa que a escola seria uma complementação na educação da criança, quanto a regras, limites etc. Ela diz que os pais devem ser responsáveis quanto a construção de limites. Pois a tarefa de ensinar

hábitos, conhecendo o sim e o não. Regras fazem parte da vida.	seria mais fácil para o professor, quando a criança vem de casa conhecendo regras de convivência e aceitando o sim e o não.
--	---

Os professores acham que a família e a escola devem ser parceiras quanto aos limites na a educação das crianças. Não pode a escola assumir o papel de impor limites em crianças que vêm de casa sem o mínimo de educação.

Conclusões

A análise das respostas dos pais revelou que, de um modo geral, os pais ainda apresentam práticas educativas predominantemente coercitivas defendendo o uso de castigos e punições físicas para garantir a manutenção da autoridade. Alguns pais transitam entre os estilos coercitivos e indutivos e outros apresentam a firme convicção de que os castigos não contribuem para educar. Estes resultados, embora não possam ser generalizados, nos levam a pensar que as mudanças não ocorrem de forma a fazer uma ruptura total com as práticas anteriores, onde os castigos e as privações faziam parte das estratégias educativas socialmente aceitas.

Sobre a distribuição dos papéis as professoras consideram fundamental a participação ativa dos pais no processo educativo, sendo que algumas esperam pais mais autoritários que apresentem limites claros e contribuam para o cumprimento às regras. Consideram que, em alguns casos, o papel da escola, que deveria focalizar na socialização e construção do conhecimento, torna-se mais difícil, justamente porque os pais seriam mais indulgentes e se mostrariam fracos diante dos filhos.

Quanto a relação entre a afetividade e controle as respostas revelaram certa diversidade, desde aquelas que valorizam uma postura mais indulgente, com muita ênfase nos afetos e no papel da comunicação, passando pelas que buscam o equilíbrio entre afeto e controle, com práticas mais indutivas, até aquelas que apresentam um estilo mais autoritário, caracterizado por níveis mais altos de exigência com relação às regras.

Certamente a relação de poder entre professor-aluno não tem mais o mesmo peso que tinha em séculos passados, onde os castigos e punições

faziam parte das estratégias educativas e as professoras buscam através do diálogo com a família uma parceria para enfrentar o problema com os limites.

Na opinião dos pais e professores o afeto deve estar presente no estabelecimento de limites e regras, tanto em casa como na escola.

Alguns dos professores pensam que a criança já dever vir de casa com a construção de limites e regras, facilitando assim a aprendizagem, pois seria mais fácil para construção da aprendizagem do aluno.

Os professores acreditam que devemos educar com limites sendo afetivos. Segundo Jean Piaget a afetividade é indissociável da cognibilidade, não existe aprendizagem sem afeto, são palavras dicotômicas.

A grande maioria dos pais pensa que a escola e a família devem caminhar na mesma direção tendo como meta a criança.

Nesta pesquisa ficou claro que alguns deles não sabem bem o significado de limites, e ainda alguns relegam este papel a escola.

Através desta conclusão pego como responsabilidade a mudança que podemos promover na comunidade escolar, com encontros mensais para avaliarmos nosso papel como educadores e pais. Visando que cada segmento tem sua responsabilidade, e como assunto principal discutirmos os princípios da moral e da ética, pois somente desta forma poderemos fazer a diferença.

Esta pesquisa nos trouxe como desafio, a junção da família e da escola com o mesmo objetivo, educar as crianças. Por mais que no Projeto político pedagógico prevê esta relação entre estas duas entidades, sabemos que na maioria das escolas isto não acontece.

A parceria das duas se faz necessário para criar crianças para um futuro melhor. Que cada cidadão cumpra com o seu papel social, onde se estabeleça a paz e harmonia entre todos, com menos violência.

Segundo a palestra de Yves de La Taille “Reflexões sobre moral e ética na educação”.

Sendo a afetividade e a educação indissociável é necessários limites, ou seja, a consciência do outro em qualquer circunstância, e é essencial o aluno conhecer os princípios da moral e da ética desde a educação infantil o qual já começa em casa. Essa construção vai consolidar-se na organização escolar onde existe o convívio diário, mas este convívio não se dará somente pelas regras. Assim se o aluno compreender a real importância da formação como cidadão, mudará a qualidade da educação. A aprendizagem tão almejada será alcançada com o exercício da verdadeira autoridade do professor. E a conquista da autonomia sem se preocupar com a indisciplina.

Yves de La Taille deixa claro que o professor deve desenvolver através dos princípios a autoridade, para não ser somente um líder.

Este trabalho nos motiva a prosseguir num estudo mais aprofundado sempre em busca de uma educação qualificada, onde todos possam compartilhar de um mundo melhor.

Referências

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. Novas estratégias. Petrópolis: Vozes, 1999.

CECCONELLO, Alessandra Marques; DE ANTONI, Clarissa and KOLLER, Sílvia Helena. **Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar**. *Psicol. estud.* [online]. 2003, vol.8, n.spe, pp. 45-54. ISSN [1413-7372](#).

FEIJÓ, Caio. **Preparando os alunos para a vida**. São Paulo: Novo Século, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 1996.

LA TAILLE, Yves. **Limites: Três Dimensões Educacionais**. São Paulo: Ática, 2002.

OLIVEIRA, Thaís Thomé Seni S. e; CALDANA, Regina Helena Lima. **Educar é punir?: Concepções e práticas educativas de pais agressores**. Is educate punishing?: Parents` childrearing practices and conceptions. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, dez. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 jun. 2011.

PIAGET, Jean (1977). **O juízo moral na criança**. (Elzon Lenardon, Trad.). São Paulo: Mestre Jou, (Trabalho original publicado em 1932).

LA TAILLE, Yves de. Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras. NOVA ESCOLA, Edição 213, junho/julho 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml> Acessado em: 06/06/2011

UFRGS – PEAD 2009/1 Desenvolvimento e Aprendizagem sob o Enfoque da Psicologia II

Programação de seu 15º Seminário Municipal de Educação –Ivoti/RS

La Taille, de Yves – Palestra: Reflexões sobre moral e ética na educação

Glossário

Anomia – ausência de leis, de regras ou de normas de organização.

Autonomia – faculdade de se governar por si mesmo.

Cognitivo – conhecimento, percepção.

Heteronomia – condição de pessoa ou de grupo que recebe de um elemento que lhe é exterior, ou de um princípio estranho à razão, a lei a que se deve submeter.

Apêndice A

Modelo de Questionário aplicado aos pais

Eu,....., autorizo a utilização dos dados fornecidos tanto em questionário, como em observação e em outras fontes, para fins de pesquisa sobre Limites e Afetividade na educação infantil. Por outro lado a pesquisadora Honorina Conceição Rozendo Lopes, estudante da UFRGS compromete-se a manter em sigilo os dados que possam identificar os sujeitos envolvidos, evitando, dessa forma, qualquer prejuízo que possa advir do uso dos mesmos, bem como, sua pesquisa não causará danos ao processo de ensino/aprendizagem proposto para o ano letivo de 2011.

Arroio Teixeira abril de 2011.

Assinatura: _____

1 - Você acha que as crianças estão vindo para a escola sem limites?

() sim () não

2 - Você acha que está educando adequadamente seus filhos(as)?

() sim () não

3 - Você impõe limites a seus filhos(as)? () sim () não

Como eles reagem?

4 - Quando seus filhos (as) fazem alguma coisa que você acha errada, você ou o pai os coloca de castigo? mãe () sim () não pai () sim () não

5 - Vocês explicam o motivo do castigo? () sim () não

6 - Você acredita que bater ajuda a educar? Se sim, em que situações? Cite alguns exemplos: _____

—

7 - Seu filho (a) tem horário para dormir? () sim () não

8 - Você trabalha fora? () sim () não

9 – Se você respondeu sim na pergunta 8, quem cuida das crianças enquanto você trabalha?

10 - Seu filho (a) tem horário para dormir? () sim () não

11 - Quanto tempo você disponibiliza para ele ou ela brincar?

12 – Ele pode sair para brincar:

() na calçada () casa de algum amiguinho () casa de parentes () outro lugar.

Especifique: _____

13 – Dentro de sua casa ele/a(s) brinca(m) em que lugar? Cite exemplos: _____

14 - O que vocês pais acham sobre o papel da escola na construção dos limites?

15 - Quantas pessoas formam a sua família? Número de filhos:
 _____ Idade de cada um: _____

16 - Seus filhos têm horário para comer? () sim () não

17 - Qual o horário que você permite ele (a) assistir TV _____

18 - Use o espaço abaixo para outras observações/considerações que você acha importante destacar e não foram contempladas:

Agradeço a sua cooperação em responder esta pesquisa e seu comprometimento com a educação de seu filho(a), em prol de ajudar a melhorar nossa meta de fazer uma escola melhor. Muito obrigada pela sua participação.

Apêndice B

Modelo de Questionário aplicado aos professores

Eu,....., autorizo a utilização dos dados fornecidos tanto em questionário, como em observação e em outras fontes, para fins de pesquisa sobre Limites e Afetividade na Educação Infantil. Por outro lado a pesquisadora Honorina Conceição Rozendo Lopes, estudante da UFRGS compromete-se a manter em sigilo os dados que possam identificar os sujeitos envolvidos, evitando, dessa forma, qualquer prejuízo que possa advir do uso dos mesmos, bem como, sua pesquisa não causará danos ao processo de ensino aprendizagem proposto para o ano letivo de 2011

Arroio Teixeira, abril 2011.

1 - Como impor limites à uma criança de 4 anos que se atira no chão da sala sempre quando se quer impor algo à ele?

2 - Como ensinar uma criança colocando limites, usando a afetividade?

3 - Quem ama impõe limites?

4 - Como fazer uma escola para o futuro?

5 - Quais atitudes tomar agora no presente para ter um futuro melhor, com pessoas mais críticas, com mais autonomia de seus direitos?

6 - Podemos na escola impor limites nas crianças de 4 e 5 anos, que vêm de casa, podendo fazer tudo o que bem quer?

7 - Por que as crianças do Século XXI, têm menos respeito, pelas pessoas em geral, que as crianças do século XX?

8 - Para você o que é educar afetivamente?

Agradeço a você colega por responder este questionário, cooperando para meu crescimento profissional e pesquisadora deste assunto que tanto nos oprime e preocupa.

